



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

REPRESENTAÇÃO DO *HABITUS* DE CLASSE EM *QUE HORAS ELA VOLTA?*

Ohana Boy Oliveira

ohanaboy@gmail.com

Universidade Federal Fluminense

Brasil

Kyoma Silva Oliveira

kyomaoliveira@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Utilizando uma abordagem interdisciplinar, sob a perspectiva dos estudos culturais, investigamos a representação do *habitus* de classe da personagem Val, do filme *Que horas ela volta?*. Para tanto, lançaremos mão de uma breve análise da trajetória profissional da intérprete de Val e apresentadora Regina Casé, que se construiu como “antropóloga midiática do popular” e “cartógrafa da alteridade” ao longo de sua atuação na televisão brasileira. Aclamado pela crítica cinematográfica, o longa-metragem brasileiro *Que horas ela volta?* dirigido por Anna Muylaert, lançado em 2015, conta com a interpretação da atriz Regina Casé no papel da empregada doméstica Val, personagem principal da trama. Buscando analisar a atuação de Regina Casé, o presente artigo estabelece como caminho metodológico a análise da trajetória televisiva da atriz e apresentadora, entendendo o filme em tela como materialização de um produto proveniente de um processo de construção narrativa de si. Levando em consideração o diálogo e interações vivenciados por Regina Casé ao longo de sua trajetória televisiva, podemos identificar a emergência de determinados elementos culturais de matriz popular. Em programas de televisão apresentados por Casé na Rede Globo, no período de 1991 a 2015, a temática popular, além de promover a aproximação político-ideológica da emissora à determinados perfis de público, possibilita a ampliação de repertório da apresentadora no que se refere às práticas culturais e visões de mundo de parte da população pertencente às classes populares. De maneira geral, através dessas atrações em uma espécie de etnografia midiática, a apresentadora construiu, ao longo dos anos, uma performance popular, atravessada pelo *habitus* de classe inspirado pelas pessoas, histórias e aspectos vivenciados nesta trajetória televisiva. Entendemos a performance da mesma como uma artista que faz um “trabalho de campo midiático”, atuando como “cartógrafa da alteridade”. Utilizando o conceito de *habitus* trabalhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu como chave interpretativa para a atuação de Regina Casé em *Que horas ela volta?*, o objetivo central desta comunicação é analisar através de determinadas sequências da obra audiovisual a emergência das estruturas sociais corporificadas na conduta da personagem Val provenientes de inúmeras situações de dominação representadas no filme pela relação entre ela e a família que a emprega.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Using an interdisciplinary approach, from the perspective of cultural studies, we investigate the representation of the class habitus of the character Val, from the movie *The Second Mother*. To do so, we will use a brief analysis of the professional trajectory of the interpreter of Val and presenter Regina Casé, who built herself as "media anthropologist of the popular" and "cartographer of alterity" throughout her performance in Brazilian television. Acclaimed by cinematographic critics, the Brazilian feature film *The Second Mother*, directed by Anna Muylaert, released in 2015, features actress Regina Casé as the maid Val, the main character in the plot. Looking to analyze the performance of Regina Casé, the present article establishes as methodological path the analysis of the television trajectory of the actress and presenter, understanding the film on screen as materialization of a product coming from a process of narrative construction of itself. Taking into account the dialogue and interactions experienced by Regina Casé throughout her television trajectory, we can identify the emergence of certain cultural elements of popular matrix. In television programs presented by Casé on Rede Globo, from 1991 to 2015, the popular theme, in addition to promoting the political-ideological approach of the broadcaster to certain public profiles, makes it possible to expand the repertoire of the presenter with regard to cultural practices and worldviews of the population belonging to the popular classes. In general, through these attractions in a kind of media ethnography, the presenter has built, over the years, a popular performance, crossed by the class habitus inspired by the people, stories and aspects experienced in this television trajectory. We understand the performance of the same as an artist who does a "media field work", acting as "cartographer of otherness." Using the concept of habitus worked by the french sociologist Pierre Bourdieu as the interpretive key for Regina Casé's performance in *The Second Mother*, the central objective of this communication is to analyze through certain sequences of the audiovisual work the emergence of social structures embodied in the conduct of character Val coming from innumerable situations of domination represented in the film by the relation between her and the family that uses her.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Palavras-chave

Habitus, Que horas ela volta?, Regina Casé.

Keywords

Habitus, The Second Mother, Regina Casé.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Utilizando uma abordagem interdisciplinar, sob a perspectiva dos estudos culturais, investigamos a representação do *habitus* de classe da personagem Val, do filme *Que horas ela volta?*. Para tanto, lançaremos mão de uma breve análise da trajetória profissional da intérprete de Val e apresentadora Regina Casé, que construiu uma performance de “antropóloga midiática do popular” ao longo de sua atuação na televisão brasileira.

Aclamado pela crítica cinematográfica¹, o longa-metragem brasileiro *Que horas ela volta?* dirigido por Anna Muylaert, lançado em 2015, conta com a interpretação da atriz Regina Casé no papel da empregada doméstica Val, personagem principal da trama. Buscando analisar a atuação de Regina Casé, o presente artigo estabelece como caminho metodológico a análise da trajetória televisiva da atriz e apresentadora, entendendo o filme em tela como materialização de um produto proveniente de um processo de construção narrativa de si.

Levando em consideração o diálogo e interações vivenciados por Regina Casé ao longo de sua trajetória televisiva, podemos identificar a emergência de determinados elementos culturais de matriz popular². Em programas de televisão apresentados por Casé na Rede Globo, no período de 1991 a 2015, a temática popular, além de promover a aproximação político-ideológica da emissora a determinados perfis de público, possibilita a ampliação de repertório da apresentadora no que se refere às práticas culturais e visões de mundo de parte da população pertencente a classes sociais não hegemônicas.

De maneira geral, através dessas atrações em uma espécie de "etnografia midiática", a apresentadora construiu, ao longo dos anos, uma performance popular, atravessada pelo *habitus* de classe inspirado pelas pessoas, histórias e aspectos vivenciados nesta trajetória televisiva.

¹ O filme foi indicado em várias categorias de premiações nacionais e internacionais em 2015, recebendo diversos prêmios, dentre eles, o de melhor atuação no Sundance Film Festival (EUA) para as atrizes Regina Casé e Camila

² Cf. OLIVEIRA, 2015.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Entendemos a performance da mesma como uma artista que faz um “trabalho de campo midiático”, atuando como “antropóloga midiática do popular”³.

Utilizando o conceito de *habitus* trabalhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu como chave interpretativa para a atuação de Regina Casé em *Que horas ela volta?*, o objetivo central desta comunicação é analisar através de determinadas sequências da obra audiovisual a emergência das estruturas sociais corporificadas na conduta da personagem Val provenientes de inúmeras situações de dominação representadas no filme pela relação entre ela e a família que a emprega. Antes disso, a fim de se contextualizar tanto a escolha de Regina Casé para a interpretação da personagem, quanto o êxito obtido pela mesma em sua atuação, uma breve análise da trajetória midiática da atriz e apresentadora se faz necessária. É preciso destacar por fim que não objetivamos com este artigo desenvolver análises estéticas ou técnicas da obra audiovisual, mas sim indicar algumas possibilidades interpretativas à luz de um referencial teórico político e sociológico.

II. Breve trajetória televisiva de Regina Casé como apresentadora

Enquanto agente de representações e performances acerca da cultura popular, Regina Casé apresenta programas que atuam como uma espécie de território dentro da grade de programação da Rede Globo, em especial o mais recente *Esquenta!*, que, em suas edições, foi se tornando um dos programas mais populares da emissora durante o chamado “processo de ascensão socioeconômica” da denominada “classe C brasileira”, representando uma tentativa de aproximação junto a este determinado segmento de público⁴.

Por ordem cronológica, Regina Casé apresentou os seguintes programas na Rede Globo: *Programa Legal* (1991-1992), *Brasil Legal* (1995-1998), *Muvuca* (1998-2000), *Central da Periferia* (2006), *Esquenta!* (2011-2016). Apesar de possuírem divergências, tais atrações possuem

³ Tais termos estão sendo complexificados no processo de tese no Programa de Pós-Graduação em Comunicação em andamento.

⁴ Para mais informações, Oliveira (2015). Disponível em:

https://www.academia.edu/13189622/_O_QUE_O_MUNDO_SEPARA_O_ESQUENTA_JUNTA_como_representac_o_es_e_mediatic_o_es_ambivalentes_configuram_mu_ltiplos_territo_rios



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

muitas semelhanças, como por exemplo, a aproximação com pessoas comuns através de entrevistas informais.

Consideramos que a apresentadora é representada como possível “tradutora e intérprete” da diferença, como aquela autorizada a fazer a mediação entre o universo da televisão e os territórios nos quais busca os elementos para os programas, majoritariamente compostos por espaços estigmatizados tais como favelas, periferias, subúrbios e comunidades tanto do Rio de Janeiro (caso do *Esquental!*, por exemplo) quanto do Brasil e do mundo (nos programas *Brasil Legal* e *Central da Periferia*, principalmente).

Na maioria das vezes, esse contato com tais territórios é configurado em um tom de informalidade, através de entrevistas que pretendem ser conversas cotidianas, com o menor distanciamento possível entre a apresentadora e o entrevistado. Essa dinâmica se aproxima inclusive do programa *Um pé de quê?*, apresentado por Regina Casé e exibido no Canal Futura, que tem como mote a identificação de árvores, buscando a visibilidade e o conhecimento de determinadas espécies da flora.

Podemos traçar um paralelo entre essa performance de Regina enquanto “expedicionária da natureza” e essa outra de Regina “expedicionária da periferia”, que se aventura na busca da diversidade cultural do Brasil através do mapeamento do outro, geralmente um outro subalternizado por condições socioeconômicas. Buscando essa mistura de elementos diferentes, os programas se propõem a considerar positivamente aqueles que, em tese, não teriam visibilidade, utilizando a mediação, desta forma, como moeda de negociação e chave de inclusão social. Uma vez contextualizada a trajetória de Casé, relacionaremos o conceito de *habitus* com *Que horas ela volta?* e destacaremos brevemente as características principais observadas nesta obra.

III. *Que Horas Ela Volta?*

O filme retrata a história de Val, uma mulher pernambucana que migra para São Paulo em busca de melhores condições de vida para si e para sua filha. Na cidade, é contratada por uma família de classe média-alta, onde inicialmente exerce a função de babá do filho do casal e



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

posteriormente de empregada doméstica. Durante os 13 anos de trabalho, Val direciona a Fabinho – o filho dos patrões que tem idade próxima de sua filha – todo o afeto que não pôde dedicar à Jéssica, que a princípio não pôde vir com sua mãe para São Paulo.

Em um dado momento, Val recebe um telefonema da filha solicitando estadia a fim de prestar vestibular. Com a autorização dos patrões, Val recebe Jéssica e a “hospeda” em seu quartinho, na própria casa em que trabalha. O primeiro embate explícito entre mãe e filha surge por conta disso, evidenciado na conversa durante o trajeto de ônibus a caminho da “casa de Val”: Jéssica acredita estar indo para casa de sua mãe e descobre que a mesma mora no “quarto de empregada” na casa de seus patrões, ou seja, não tem uma casa própria e uma vida independente, mesmo trabalhando todos esses anos na cidade.

A partir de sua chegada então começam os conflitos, provenientes de uma insustentável cordialidade entre classes sociais, refletindo sintomas e consequências do sistema de dominação e opressão vivenciados por grande parte da população brasileira. Em diversas cenas são exemplificadas algumas situações reveladoras da desigualdade social cotidiana oriunda da relação entre patrão e empregado no ambiente doméstico.

Para nossa análise, é importante destacar primeiramente a construção da personagem Val, para além da escolha da atriz. Traços indicativos da performance em cena são representados através do figurino, da falta de maquiagem, da postura corporal curvada, demonstrando obediência e introjeção de subalternização, da fala em um tom baixo e servil para com os patrões.

Já em sua relação com a filha, vemos uma diferença significativa de postura: enquanto mãe, Val briga e repreende Jéssica por conta de suas atitudes “metidas”, justamente para apaziguar esses conflitos da jovem com os patrões, atuando como mediadora que mantém o *status quo*, ou seja, a relação de subserviência entre patrão e empregado, conservando “cada um no seu lugar” (VELHO, 2001). Tal tensão fica clara em um dos diálogos entre Val e Jéssica: a filha pergunta como a mãe “aprendeu” o que se deve ou não fazer na relação cotidiana com os patrões. Val é categórica: “Ninguém precisa explicar, a pessoa já nasce sabendo o que pode e o que não pode”.

Na disputa por atribuições de valores e sentidos no espaço social é preciso ter em mente a importância do embate semântico na produção e reprodução de mundo. Utilizando essa reflexão na



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

interpretação do diálogo citado percebemos uma das maneiras com que as relações de dominação e divisão de classe são introjetadas, naturalizadas e reproduzidas pelos próprios sujeitos dominados. A insatisfação de Jéssica para com a resposta da mãe, em contrapartida, confirma os indícios iniciais de que a personagem não está disposta a viver neste “mundo dado”, e que, de sua maneira, está entrando na disputa por significação. Segundo Pierre Bourdieu (2015):

A relação estabelecida, de fato, entre as características pertinentes da condição econômica e social [...] e os traços distintivos associados à posição correspondente no espaço dos estilos de vida não se torna uma relação inteligível a não ser pela construção do *habitus* como fórmula geradora que permite justificar, ao mesmo tempo, práticas e produtos classificáveis, assim como julgamentos, por sua vez, classificados que constituem estas práticas e estas obras em sistema de *sinais distintivos* (BOURDIEU, 2015: 162-163, grifos do autor).

Para seguir na perspectiva sociocultural relacionada com o contexto da sociedade brasileira contemporânea, utilizamos esse conceito por concordar com Bourdieu quando o autor afirma que o *habitus* é uma “estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas”, além de ser estrutura estruturada, ou seja, “o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é o produto da incorporação da divisão em classes sociais” (BOURDIEU, 2015, p. 164).

Os inúmeros embates entre classes representados no filme são acionados fundamentalmente por conta da presença de Jéssica. Entretanto, para além de evidenciar a relação de exploração entre patrões e empregados tais embates auxiliam a personagem de Val a desnaturalizar tais relações e repensar seu lugar no mundo ao longo de sua convivência com a filha.

Diversas sequências se desenrolam no intuito de ilustrar as variadas formas de distinção vivenciadas pelas personagens, como, por exemplo, a interdição da piscina da casa, onde, em uma brincadeira, Fabinho joga Jéssica na água, deixando sua mãe e Val incomodadas com a situação, afinal aquele era mais um dos lugares da casa no qual a jovem não era bem-vinda. Em outro momento, Val, estremecida pelos conflitos que Jéssica trouxe, resolve de forma surpreendente, entrar sozinha na piscina à noite e ligar para sua filha: “Adivinha onde que eu tô?”, demonstrando de maneira sensível uma atitude de “desobediência” que sinaliza uma mudança de postura.

Em outra sequência, onde a família mostra sua casa para a nova “hóspede”, a mesma demonstra-se encantada com a realidade com que está tendo contato pela primeira vez. Ao mesmo



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tempo faz questão de deixar claro o seu conhecimento referente tanto aos traços arquitetônicos da casa, quanto aos títulos presentes nas estantes que mobiliam a sala de estar dos patrões. Tal atitude de Jéssica gera desconforto tanto em Bárbara, a patroa, quanto em Val. Em uma conversa com Fabinho, o filho dos patrões, o menino adjetiva Jéssica como “segura demais de si”, Val referindo-se à filha diz que “ela olha tudo com aqueles olhos de presidente da república”, atribuindo ar de arrogância à menina.

Resgatando mais uma vez Bourdieu (2015), agora através de sua reflexão acerca do acúmulo de diferentes tipos de capital por indivíduos e grupos no campo social, entendemos que Jéssica, ao tentar o vestibular para Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo, de alguma forma compreende a importância do capital cultural na tentativa de ascensão social. Conforme Bourdieu estrutura sua teoria, a localização privilegiada ou não dos indivíduos no campo social encontra-se diretamente ligada ao “volume” e “composição” de um ou mais tipos de capitais adquirido ou incorporado.

Cabe destacar também que na busca por adquirir diferentes qualidades de capitais, o acúmulo de pelo menos um deles pode servir como moeda de troca. Na tentativa de se reposicionar no mundo, Jéssica investe no acúmulo de capital cultural incorporado a fim de ingressar em uma universidade pública respeitada e conseguir um diploma (capital cultural institucionalizado). Além disso, em função do reconhecimento e prestígio provenientes de sua possível formação, Jéssica acumularia certo capital simbólico que possivelmente possibilitaria seu acesso a um determinado volume de capital econômico.

Podemos compreender a estranheza por parte dos patrões e da própria mãe para com a conduta de Jéssica por conta do descontentamento da menina com o seu lugar no campo social construído historicamente na sociedade de classes. Simbolicamente, a possibilidade de ingresso da “mulher-nordestina-filha da empregada” no curso de arquitetura pode dissipar ainda mais a névoa que paira sobre a hegemonia e dominação entre classes dominantes e dominadas. Para além do saber técnico permitido pela formação dentro da universidade, a possibilidade de, em alguma medida, arquitetar o seu futuro e ampliar seu escopo de intervenção no campo social – ou ainda nos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

termos de Bourdieu, de reestruturar a estrutura social – tensiona a “relação pacífica” de classes que sedimenta e é sedimentada pelo *habitus*.

IV. Considerações Finais

Metáfora central do filme, as duas cenas onde Val interage com um jogo de xícaras são fundamentais para compreensão da mudança de percepção da mesma acerca de seu lugar no mundo. A primeira sequência mostra Val tentando entender a disposição do presente de aniversário dado por ela à sua patroa, mostrando-se preocupada em como servir o café com aquele aparato de combinação “descasada”. Já em uma das últimas sequências, logo após seu pedido de demissão, Val demonstra entender o arranjo descasado do conjunto de xícaras a ponto de fazer uma analogia entre tal desorganização e a “desordem” provocada pela filha desde sua chegada. A garrafa térmica “sem lugar” na bandeja que serve como suporte para as xícaras deixa de ser um problema na concepção de Val e passa a ser uma disposição possível.

Diante do exposto, podemos afirmar que a representação do *habitus* de classe popular em *Que horas ela volta?* passa pela forma mais tradicional de Val, na figura da empregada doméstica que é abalada pela chegada de Jéssica e seus questionamentos sobre esse lugar subalternizado: “Como é que tu aguenta ser tratada como uma cidadã de segunda classe?”, transformando ao longo da convivência demonstrada no filme esse estado de subserviência em uma certa rebeldia, que culmina com o resultado positivo do vestibular de Jéssica e o pedido de demissão de Val. É importante ressaltar que tal situação fictícia é considerada parte da realidade de muitas Jéssicas possíveis, “filhas” de uma conjuntura política dos últimos anos (2003-2016) constituída por programas de acesso a renda e políticas públicas educacionais. Em uma análise mais aprofundada, o contexto de ascensão social individual relatado no filme não incentiva modos de reflexão para uma mudança estrutural coletiva e permanente. Não aprofundaremos tal reflexão nesta comunicação, no entanto cabe aqui afirmar que de maneira nenhuma tal crítica esvazia os avanços sociais proporcionados no período histórico em questão.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Podemos afirmar que o trabalho desenvolvido por Regina Casé ao longo dos últimos trinta anos como apresentadora de programas populares é um dos fatores de sucesso de sua interpretação, ou seja, sua "vivência antropológica" transformada em uma representação de um *habitus* específico de classe, muito útil para atingir determinadas fatias de público. Lembrando que, em diversas entrevistas, Regina Casé já ressaltou sua ascendência nordestina por parte de seu avô e sua "cara de pobre" que a impede de fazer papéis de mocinha nas novelas brasileiras, por exemplo (CHAVES, 2012). Ao afirmar uma "cara de pobre", a apresentadora acaba reproduzindo também o estereótipo de grande parte de seu público popular, o que configura uma ambiguidade problemática, já que não podemos, de forma alguma, naturalizar a divisão de classes sociais, podendo cair na reprodução do *habitus* de classe.

Em suma, *Que Horas Ela Volta?* trata-se de um filme importante tanto para reflexão acerca do contexto político brasileiro desdobrado em mudanças sociais, quanto registro histórico de um período que apontou possibilidades de desnaturalização de relações sociais dominadoras entre diferentes classes. Lançando mão das palavras de Val e entendendo que o real não está dado, mas encontra-se em permanente disputa, afirmamos que tudo pode ser diferente, "o preto no branco, o branco no preto", diferente que nem Jéssica, Val e todos os agentes posicionados no espaço social, desde que estes saibam e estejam dispostos a disputar e alterar as regras do jogo social.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Referências Bibliográficas

Bourdieu, P. (2015). *A distinção*. Porto Alegre, RS: Zouk.

Chaves, S. N. S. (2012). *Tenho cara de pobre: Regina Casé e a periferia na TV*. Rio de Janeiro: Multifoco.

Hall, S. (2011). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____. (2016) *Cultura e Representação*. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri.

Martín-Barbero, J. (2009) *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. (2004) *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola.

Oliveira, O. B. (2015) “*O que o mundo separa, o Esquentá! junta?*”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

_____. (2011) *Esquentá! - Mediação Cultural: tudo junto e misturado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Velho, G. e Kuschnir, K. (orgs). (2001) *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano.